

Mercado de trabalho para cegos

Falta conscientização por parte dos empresários

Mônica Loureiro

Segundo estatísticas extra-oficiais, aproximadamente 1,5% da população brasileira sofre de cegueira ou possui algum tipo de deficiência visual. Apesar desse significativo número, as pessoas portadoras de deficiência visual talvez sejam as que encontram as maiores dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, não obstante possuam reconhecidamente importantes qualificações: o cego geralmente desenvolve hábitos regulares de cautela, prudência e de melhor coordenação motora, o que diminui o risco de acidentes de trabalho.

Além disso, os deficientes visuais, em seu trabalho, igualam-se ou superam o desempenho dos não-deficientes, devido à sua grande capacidade de concentração. Para a empresa que apostar no potencial desta mão-de-obra ainda pouco aproveitada, o retorno é garantido.

De acordo com o diretor do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, Carmelino Souza Vieira, ainda não há conscientização suficiente por parte dos empresários quanto ao aproveitamento desta mão-de-obra. Na indústria, por exemplo, a maioria das atividades que não exigem necessariamente controle visual pode ser executada por pessoas cegas, sem qualquer adaptação de equipamentos. Hoje, existem pelo menos mais de 100 destas atividades, exercidas por cegos em inúmeras empresas de todo o país.

No Rio de Janeiro, a Indústria Ferragens Pagé, com sede no bairro de Todos os Santos, e a Flex-a Carioca, em São Cristóvão, estão entre as empresas que resolveram abrir suas portas e dar uma chance de trabalho para os deficientes visuais. Em comum, as duas indústrias têm, hoje, a certeza de que fizeram um bom negócio.

Facilidade de adaptação

Há cerca de dez anos, a fábrica de utilidades plásticas Flex-a Carioca iniciou um programa de contratação de pessoas portadoras de deficiências. Como o quadro de funcionários da empresa é bastante estável, de lá para cá não houve demissões; pelo contrário, algumas contratações foram feitas, até chegar a nove o número de funcionários deficientes hoje empregados pela Flex-a. Destes, cinco são deficientes visuais e os demais, surdos e portadores de deficiência física.

A assessora da presidência da Flex-a Carioca, Patrícia Simões Batista, conta que a idéia de empregar deficientes surgiu em 1986. A partir de um levantamento das áreas onde melhor poderiam atuar e o acompanhamento de um psicólogo durante os primeiros meses de contratação,



Elenice (esquerda) e Paulina, em ação na Flex-a Carioca

decidiu-se por alocar os deficientes no setor de acabamento.

Hoje, Paulina Ferreira e Ana Lúcia Carvalho, admitidas em 1986, Eliana Carvalho, Elenice Maria Melo e Maria das Virgens Gomes, admitidas respectivamente nos anos de 88, 89 e 90, são ajudantes de produção na empresa.

"Elas não trabalham com máquinas e se baseiam principalmente no tato", explica Patrícia Batista. O trabalho é em série e consiste, basicamente, em encaixar peças plásticas, como tampas de copos e de garrafas. "As cinco funcionárias portadoras de deficiência visual trabalham no mesmo setor e em uma mesma mesa. Nunca tivemos registro de qualquer dificuldade de adaptação entre elas e os demais funcionários", garante a assessora da presidência. A solidariedade entre todos os funcionários permite que elas não se sintam isoladas. "Os colegas as conduzem até o refeitório e as auxiliam em tudo o que é preciso", diz Patrícia.

No mesmo setor existem funcionárias não-deficientes que exercem a mesma função. Segundo Patrícia, dentro dos limites de produção que cada área possui, não há diferenças entre elas. "Todos têm seu rendimento próprio, independente de serem deficientes ou não", acredita.

As funcionárias Elenice Maria e Paulina Maria possuem deficiência visual parcial e contam que chegaram à Flex-a Carioca através do Sodalício da Sagrada Família, instituição para crianças e moças portadoras de deficiência visual. "A sra. Elgeni, dona da fábrica, ajudava o Sodalício, onde eu estudava. Daí surgiu a oportunidade do meu primeiro emprego", conta Elenice. Já Paulina Maria - uma das funcionárias deficientes mais antigas da empresa - ainda hoje mora no Sodalício, que fica na Tijuca. Ela diz que foi através de um pedido à mesma diretora que conseguiu uma vaga para trabalhar na empresa. "A adaptação foi fácil e aprendi o serviço rapidamente.

Além disso, os colegas me ajudaram bastante", diz Paulina.

Produtividade impressiona

Desde que admitiu em seu quadro de funcionários o primeiro deficiente visual, a Indústria Ferragens Pagé sempre se preocupou em não transformar essa iniciativa em uma ação demagógica ou paternalista. "Não queríamos fazer propaganda pelo fato de empregarmos cegos", afirma o diretor comercial da empresa, Ricardo Radspieler Varges.

A partir da iniciativa do então diretor-presidente Roberto Cavaliere, há oito anos foi contratado João Batista dos Santos; logo depois, entrava para a firma Fernando Soares, em 1989, e Marcelo Barbosa, em 91. Os três são totalmente cegos, trabalham juntos em um setor automatizado e têm como principal função o encaixe de peças de dobradiças. "A produtividade deles é simplesmente impressionante, muitas vezes superior à dos outros funcionários. Eles quase não conversam e mantêm total concentração no serviço", atesta Ricardo.

A empresa tem uma preocupação permanente em oferecer um tratamento igual para funcionários deficientes e não-deficientes. "Não damos aos trabalhadores cegos nenhum tipo de proteção especial e as cobranças também são as mesmas", diz Ricardo. Segundo ele, o senso de responsabilidade é a maior qualidade dos funcionários cegos. "Vale a pena investir na produtividade deste tipo de mão-de-obra", garante.

Segundo Ricardo Varges, a Pagé está no mercado de ferragens há 50 anos e tem como principal trunfo a qualidade de seus produtos. "Por isso, jamais colocaríamos deficientes visuais em funções que não pudessem exercer bem. Todos os nossos funcionários deficientes foram contratados por sua capacidade e só continuam conosco até hoje porque são altamente qualificados e produtivos", finaliza. **[DH]**

Ocupações para todos os gostos

A seguir, alguns exemplos dentre as muitas ocupações industriais já experimentadas e classificadas pela equipe de analistas do Serviço Nacional da Indústria (Senai), as quais vêm sendo exercidas com êxito por trabalhadores deficientes visuais de ambos os sexos.

Embalagens

- balas, biscoitos, chocolates;
- chicletes, sorvetes; escovas de dentes
- cotonetes;
- dobradiças;
- enlatados
- produtos de beleza, etc.

Operações com máquinas

- cortadeiras e dobradeiras de arames;
- engomadeiras;
- prensas;
- furadeira elétrica;
- cortadeira de fita;
- dobradeira de papelão, etc.

Montagens

- de amassador de batatas e de asas de formas de pizza;
- de cabos de painéis;
- de cursor de zíper;
- de diafragma de bomba de gasolina;
- de lanternas de automóveis e pedais de bicicletas;
- de válvulas e torneiras, etc.

Ocupações diversas

- afinador de pianos
- telefonista
- programador de computador
- massagista
- auxiliar da linha de montagem
- lavador de ampolas
- colocador de espiral em cadernos
- colocador de ilhós em cintos
- dobrador de bulas de remédios
- confeccionador de caixas de papelão
- cortador de doces
- inspetor de peças